



Sistematização

Termo de Referência da Sistematização de Experiências



Rede CFES
Formação e Assessoria Técnica
Nacional

Expediente

Cáritas Brasileira - *Organismo da CNBB*

Endereço: SGAN 601 | Módulo F | Asa Norte
CEP: 70830-010 | Brasília/DF
site: www.caritas.org.br
email: caritas@caritas.org.br
telefone: +55 (61) 3521-0350

Diretoria

Presidente: Dom Flávio Giovenalle
Vice-Presidente: Anadete Gonçalves Reis
Diretor-Secretário: Pe Evaldo Praça Ferreira
Diretor-Tesoureiro: Aguinaldo Lima

Colegiada Nacional

Diretora-Executiva Nacional: Maria Cristina dos Anjos
Coordenador: Jaime Conrado
Coordenador: Luiz Claudio Mandela

Rede de Centros de Formação e apoio à Assessoria Técnica em Economia Solidária - Rede CFES.

Coordenação Nacional:
Deborah Lago
Fernando Zamban
Luiz Claudio Mandela
Normeliana Santos Santana

Termo de Referência para a sistematização de experiências

O presente Termo de Referência para sistematização de experiências é fruto da reflexão do Núcleo Temático de Educação Popular do Centro Nacional de Formação e Apoio e Assessoramento Técnico em Economia Solidária em parceria com os CFES Regionais.

Elaboração

Simone Ribeiro
Núcleo de Educação Popular:
Adriana Cardoso (CEDAC)
Aida Bezerra (Capina)
Deborah Lago (Cáritas Brasileira)
Joselle Moura (Cáritas Brasileira)
Rodrigo Pires (Cáritas Brasileira)
Zélia Ferraz (RECID)

Projeto gráfico

Fernando Zamban

(...)

o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferente na objetividade com que dialeticamente me relaciono meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

Paulo Freire

Sumário

	Apresentação	5
	Objetivos	6
	Pressupostos Teóricos	7
	Educação em Economia Solidária	7
	Comercialização Solidária	8
	Finanças Solidárias	9
	Redes de Cooperação	11
	Sistematização de Experiências	12
	Plano Operacional de Sistematização	14
	O Contexto Geral	14
	Contexto Inicial	14
	Revisitando a Experiência	15
	Análise do processo vivenciado	15
	Lições aprendidas	16
	Questões Gerais	17
	Referências	19



Apresentação

O presente documento propõe um marco conceitual e metodológico que dê unidade à sistematização de experiências diversas, inseridas em distintos contextos socioeconômicos, ambientais, políticos e culturais, em diferentes regiões do Brasil. Com esta unidade se busca qualificar os processos de intercâmbio e de reflexão coletiva dos empreendimentos e entidades articulados em torno da Rede CFES.

As orientações contidas neste documento têm como objetivo orientar a sistematização de experiências em Economia Solidária focando algumas áreas temáticas: Educação, Redes, Comercialização e Finanças Solidárias.

Este Termo de Referência foi concebido a partir de discussões no âmbito do Núcleo Temático de Educação Popular e Desenvolvimento, juntamente com representantes dos demais núcleos temáticos e dos CFES Regionais.

Apesar de expressarmos neste documento concepções teóricas e metodológicas acerca da sistematização de experiências queremos que o pluralismo metodológico que certamente caracteriza as práticas do nosso movimento, seja evidenciado e valorizado como elemento central no processo de aprendizado coletivo.

Estas orientações foram construídas a muitas mãos para a Rede CFES e, de forma geral, tem foco nos processos metodológicos, formativos e de assessoramento técnico. Entretanto, esperamos que este termo, também contribua para sistematizações de experiências ligadas às práticas solidárias do movimento de economia solidária e da educação popular.

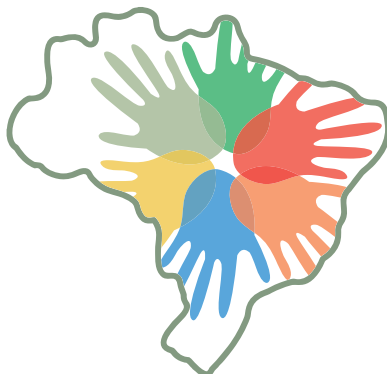
Coordenação Nacional

Objetivos

A Rede CFES, formada pelo conjunto dos CFES regionais e nacional, entende como parte fundamental do processo formativo a sistematização de experiências. Para nós, sistematização é um processo coletivo de avaliação, é reflexão, é aprendizado sobre uma caminhada, é construção do conhecimento a partir da prática buscando retroalimentar o fazer e o saber.

O esforço coletivo de sistematização das experiências será o de favorecer o aprendizado mútuo no movimento da economia solidária. Com este processo não estamos procurando "as boas metodologias" nem tampouco definir receitas universais. Nosso objetivo é orientar processos de sistematização de experiências em Economia Solidária com foco nas temáticas que atualmente estruturam a Rede CFES, a saber: Educação em Economia Solidária; Finanças Solidárias; Redes de Cooperação e Produção, Comercialização e Consumo. Queremos evidenciar as aprendizagens que o movimento tem acumulado nos diferentes temas citados acima. Além de aprofundar elementos significativos dessas experiências acerca de diferentes aspectos: gênero, geração, raça e etnias, agroecologia, povos e comunidades tradicionais, desenvolvimento local/territorial, assessoramento técnico e formação etc.

Sendo assim, na execução dos projetos regionais e nacional vão ser feitas muitas sistematizações de práticas e de processos formativos que vêm sendo construídos e desenvolvidos pelo movimento da Economia Solidária.



Pressupostos Teóricos

Os pressupostos descritos neste Termo de Referência buscam situar as diferentes temáticas orientando a reflexão sobre as mesmas. Assim podemos, de forma sucinta, definir:

Educação em Economia Solidária

A educação em economia solidária se constrói dentro dos princípios da educação popular. Assim, as ações político-pedagógicas inovadoras, autogestionárias e solidárias são fundamentadas na perspectiva emancipatória de transformação dos sujeitos e da sociedade.

A economia solidária reconhece o trabalho como princípio educativo na construção de conhecimentos e de outras relações sociais. A formação e a assessoria técnica são processos inerentes à educação em economia solidária e, portanto, compartilham dessa mesma concepção. Esses processos são concebidos como práxis de aprendizagens coletivas, construção e partilha de saberes, reflexões e pesquisas sobre a (e a partir da) realidade dos trabalhadores e trabalhadoras da economia solidária.

Neste sentido, a formação e a assessoria técnica são processos contínuos de promoção, apoio e fomento à economia solidária tanto através da apropriação/tradução de conhecimentos como pelo aperfeiçoamento dos processos de autogestão no interior das unidades de produção (de bens e serviços), comercialização, consumo e finanças solidárias, bem como pela construção e fortalecimento de cadeias econômico-solidárias e redes de cooperação. Envolvem a partilha, a releitura, a criação e apropriação de conhecimentos (ou saberes), técnicas e tecnologias sociais pelos trabalhadores e trabalhadoras da economia solidária a partir do contexto específico em que se realiza o processo de produção e reprodução dos meios de vida. Com respeito à natureza, a vida, aos valores e saberes construídos historicamente pelos homens e mulheres.

Os processos educativos/formativos devem ser norteados pelos valores e práticas da Economia Solidária, isto é, construídos e reconstruídos de forma coletiva por todos os sujeitos na solidariedade, cooperação e autogestão.

A metodologia autogestionária não se reduz ao fazer, mas afirma e não nega e correlaciona as formas do fazer com seus conteúdos. Sobretudo, articula consciência e mundo (meio envolvente das pessoas), na perspectiva histórica de superação do estado atual da realidade de mercado capitalista que a todos/as envolve. Na superação do individualismo, da competição, da discriminação e da opressão.

O educador popular em economia solidária deve considerar a relação teoria e prática, conhecer a história, o conhecimento acumulado e a realidade atual, viabilizar processos de construção de conhecimento coletivo, aprimorar os diversos enfoques do trabalho, mediar processos de autossistematização dos grupos, ter clareza do papel de educador/a, não padronizar modelos únicos de sistematização; valorizar e motivar a participação dos diversos sujeitos.

Comercialização Solidária

Entendemos a comercialização solidária como parte das estratégias para construção do projeto político de outros caminhos de desenvolvimento, que se fundamenta nas relações de solidariedade e justiça social. A prática dos princípios e critérios do comércio justo solidário contribui para o fortalecimento de uma identidade coletiva e mostra que concretamente a economia pode ser vivida e produzida, de outra maneira sob outra ótica, com outros princípios e, portanto outras práticas.

O fortalecimento da organização social dos grupos é fundamental para que a comercialização solidária se consolide. E se traduza em benefícios, mais rápido na forma de abertura de canais e possibilidades de vendas, para que a economia solidária se concretize e mostre seus resultados e suas vantagens para a sociedade. E para apoiar a construção de uma diversidade de estratégias de alteração dos atuais mecanismos de funcionamento do mercado, na perspectiva de construção de formas solidárias de interação econômica que se contraponham ao monopólio

da distribuição dos produtos e à imposição dos critérios e valores das grandes empresas.

Na comercialização solidária são fundamentais as estratégias de organização dos espaços de comercialização solidários, a constituição de redes e cadeias solidárias de produção e de beneficiamento/agregação de valor ao produto, de logística, de fluxo de escoamento da produção e de consumo solidários/rede de consumidores, a promoção do consumo responsável. Bem como, a priorização de produtos e serviços da Economia Solidária nas compras institucionais em todas as esferas, como vem acontecendo via PAA/Programa de Aquisição Alimentar, PNAE/Programa Nacional de Alimentação Escolar aos empreendimentos da agricultura familiar. Tais estratégias devem estar em consonância com os princípios, regulação e critérios estabelecidos no Sistema Nacional de Comércio Justo e Solidário.

Finanças Solidárias

As práticas de finanças solidárias distinguem-se de outras formas de organização econômica, pois funcionam segundo uma lógica de finanças de proximidade e pela autogestão. Nesta, as relações humanas, o contato pessoal e a mediação social (baseada em valores como confiança, lealdade e solidariedade) são estruturantes das relações de troca.

As finanças solidárias trabalham outra lógica de relação com o dinheiro para o fortalecimento das economias nos territórios. Elas possuem um alto grau de relevância social pelo fato de atenderem demandas de serviços em localidades. Nas quais a população não teria condições de acesso nem via mercado (por não ser viável segundo uma lógica de custo-benefício privada), nem pelo poder público (pelo seu distanciamento e incapacidade técnico-política de chegar até estes locais). E assim, comunidades rurais e urbanas vão se constituindo ou reafirmando em territórios com identidades próprias e, coletivamente moradores/as constroem outros caminhos para os seus lugares.

As práticas de finanças solidárias supõem uma lógica de sustentabilidade diferente do modelo de mercado, pois combinam uma lógica de autofinanciamento com uma lógica de transferência direta de

recursos. Hoje consideramos quatro instrumentos:

- Trocas solidárias - são práticas de grupos em encontros periódicos onde as pessoas levam seus produtos ou oferecem seus serviços em troca de outros produtos ou serviços. Podem ter uma moeda própria decidida pelo grupo que circula apenas entre eles. Tais práticas vão constituindo redes de clubes de troca e fortalecem as relações entre as pessoas e grupos.
- Cooperativas de crédito solidário - são uma forma de juntar as poupanças familiares, muitas vezes acumuladas pela venda da produção familiar e favorecer o crédito de seus associados. Contribui na organização do trabalho dos associados, comercialização, produção, principalmente através das cooperativas de crédito rural que contribui com recursos financeiros, aplicações e empréstimos.
- Bancos Comunitários de Desenvolvimento - são criados e geridos pela própria comunidade, na forma de autogestão. Eles operam com serviços de crédito e moedas sociais (criadas pela comunidade e aceitas no comércio e serviços locais). Os bancos comunitários oferecem crédito usando o aval solidário/comunitário, que pode ser oferecido em reais ou em moeda social. A moeda social, ou circulante local, é um instrumento que circula localmente, tem como objetivo fazer com que o "dinheiro" circule na própria comunidade ou território, evitando sua fuga e ampliando o poder de comercialização local, aumentando a riqueza circulante na comunidade, gerando trabalho e renda, e a reorganização das economias locais.
- Fundos Rotativos Solidários - trata-se de uma metodologia de apoio financeiro às atividades produtivas de caráter associativo mediante compromissos devolutivos voluntários, considerando formas flexíveis de retorno monetário ou de equivalência por produtos ou serviços, ou ainda, sem retorno. São geridos pelos próprios participantes (comunidades, grupos associativos produtivos) dentro dos princípios da economia solidária dirigidos para o atendimento de comunidades ou grupos associativos e/ou produtivos que

adotam princípios de autogestão e convivência solidária. As mais variadas iniciativas comunitárias de práticas de gestão e execução de projetos produtivos ou sociais como processo pedagógico de emancipação e organização comunitária. Como exercício da solidariedade e para o fortalecimento da organização da comunidade, existem retornos voluntários que podem ser: sementes, cabras, cisternas de captação de água de chuva (entre outros), horas de trabalho, ou mesmo monetária.

Redes de Cooperação

As redes de cooperação são uma forma de organização territorial ou setorial dos empreendimentos econômicos solidários, ou seja, uma ação articulada com empreendimentos de um mesmo setor produtivo gerando aproximação ou fortalecimento na interação entre eles. Assim como as cadeias produtivas, estratégia de dinamização econômica do território. As redes de cooperação possibilitam também articular demandas comuns dentro de empreendimentos diferentes, tais como: serviços comuns de assessoramento técnico e gerencial; mecanismo e estratégias comuns de acesso a mercados; organização (física, política, gestão, econômica...) dos empreendimentos econômicos solidários, atendimento aos aspectos legais (sanitários, contábeis etc.) e de comunicação.

As redes de cooperação possibilitam também articular demandas comuns dentro de empreendimentos diferentes, tais como: serviços comuns de assessoramento técnico e gerencial; mecanismo e estratégias comuns de acesso a mercados; estruturas empreendimentos econômicos solidários, atendimento aos aspectos legais (sanitários contábeis etc.) e de comunicação dentre outras. Bem como, outros tipos de redes como: consumidores/as, articulação política entre os segmentos da economia solidária etc.

Sistematização de Experiências

Compreendemos por sistematização de experiências o resgate e a visibilização das aprendizagens realizadas pelos sujeitos ou grupos por meio da reflexão sistemática de uma experiência vivida. Neste caso, os conhecimentos acumulados não estão relacionados a procedimentos formais de ensino e aprendizagem e sim a processos vividos nas práticas cotidianas, nos grupos, organizações e eventos de economia solidária, entre outros. Assim, a sistematização de experiências refere-se ao ordenamento e análise crítica de processos vividos e aos aprendizados obtidos pelas pessoas que tomaram parte da experiência.

Neste documento, enfatizamos três campos distintos, mas complementares, que aparecem em nossos processos de sistematização:

- Experiências e práticas vivenciadas em empreendimentos de Economia Solidária;
- Experiências e práticas vivenciadas em organizações do movimento de Economia Solidária;
- Experiências e práticas de educação e assessoramento técnico em Economia Solidária.

Consideramos importante a escolha das experiências nesses três campos, pois os aprendizados acumulados em qualquer um deles contribuirão para o fortalecimento de cada um dos atores envolvidos e do movimento de Economia Solidária como um todo.

As contribuições sobre sistematização de experiências das(os) educadoras(es) da Economia Solidária tem se apoiado em distintos métodos e instrumentos para sistematizar experiências, mas de modo geral, os processos de sistematização de experiências buscam:

- Resgatar e registrar aspectos objetivos e subjetivos que estão na memória e devem contribuir para reflexão crítica da prática visando seu aprimoramento;
- Socializar os conhecimentos como forma de estimular outras experiências/ entidades e/ou grupos;
- Contribuir para identificar e referenciar áreas de pesquisa;

- Legitimar de forma coletiva o conhecimento e as práticas formativas;
- Construir instrumentos que apontem para avaliação de educação em economia solidária (sustentabilidade econômica, política, cultural, ambiental etc.); e
- Construir processos coletivos de formação, a fim de consolidar redes, cadeias e trocas de experiências.

Plano Operacional de Sistematização

Ao decidirmos pela realização da sistematização, um conjunto de ações devem ser implementadas e há uma grande variedade de materiais e publicações que detalham estas ações (ver bibliografia), mas, de modo geral, os fundamentos dos métodos seguem uma lógica que pode ser interpretada nos seguintes componentes:

O Contexto Geral

Em qualquer experiência há situações, elementos ou fatores que não estão sob controle dos sujeitos envolvidos diretamente no processo, mas que influenciam diretamente as ações e as decisões a serem tomadas.

A situação dos mercados, as políticas governamentais, a disponibilidade e a qualidade dos serviços públicos, a estabilidade social e política são exemplos de condições que podem comprometer – positiva ou negativamente – o que os empreendimentos/entidade/movimentos fazem e os resultados de suas ações.

Para ser completa, a sistematização precisa descrever e analisar o contexto e suas influências sobre as ações executadas.

Outros aspectos de caráter contextual, embora não sejam externos, também são fundamentais para a reflexão e as possibilidades de aprendizagem com a experiência sistematizada: localizar onde aconteceu a experiência, as pessoas envolvidas (gênero, geração, perfil socioeconômico), tipo de experiência, histórico de organização do grupo etc.

Contexto Inicial

Mesmo que um grupo já realize seu trabalho há vários anos, para realizar a sistematização é necessário delimitar a experiência que

vai ser sistematizada. O ponto inicial é a identificação do momento anterior ao início da experiência. Este pode ser marcado por qualquer uma das seguintes situações: um problema que se quis resolver, uma oportunidade que foi aproveitada para conduzir a melhores condições de vida etc., a execução de um projeto ou a utilização de uma nova metodologia de trabalho etc.

A sistematização deve procurar descrever com precisão e de forma coletiva qual era esta situação inicial da experiência que vai ser sistematizada.

Revisitando a Experiência

A descrição da experiência corresponde um dos pontos cruciais da sistematização. Deve-se identificar e ressaltar os aspectos gerais e essenciais que caracterizaram a experiência, mas, de modo especial, aqueles que estão relacionados ao tema/eixo escolhido para ser aprofundado durante a sistematização. Considerar os momentos significativos como, por exemplo, o momento de constituição da experiência, momentos de crescimento, de crise, de superação, de mudança e os momentos de tensão, conflitos, como a experiência foi avaliada pela entidade/empreendimento etc.

No trabalho de resgate das informações deve-se dar visibilidade à complexidade da experiência e às diferenças de percepção dos participantes (homens e mulheres, jovens e idosos...), mas no registro deve-se evitar detalhes desnecessários ao entendimento da experiência como um todo.

É também interessante ter uma visão de conjunto, procurando identificar as relações entre a experiência sistematizada e as demais atividades/ações desenvolvidas pelos empreendimentos/entidades.

Análise do processo vivenciado

Este é o momento central da sistematização e que possibilita a reflexão sobre os contextos e suas relações com as escolhas que

fizemos no desenvolvimento da experiência. Afinal, enquanto estamos executando, muitas vezes não temos condições de refletir ou não temos todas as informações necessárias para fazer isto de modo completo.

Cabe nesta etapa explorar os porquês das ações que orientaram o desenvolvimento da experiência sistematizada. A sistematização deverá possibilitar a reflexão sobre os momentos significativos da experiência, onde ocorreram mudanças nos conceitos/temas, nas estratégias/métodos de trabalho, ajustes metodológicos, mudança no público etc. É fundamental também refletir como as parcerias e relações institucionais (governos, financiadores etc.) interferiram na realização da experiência.

Lições aprendidas

O papel principal da sistematização é o de possibilitar um processo de autoaprendizagem. Em segundo lugar, deve facilitar intercâmbios com pares. Trata-se de gerar novos conhecimentos a partir da reflexão sobre nossas ações cotidianas. Uma lição é uma aprendizagem que pode ser generalizada, ou seja, que não se refere a uma situação específica, mas a um tipo ou categoria de situações. Desta forma pode ser útil para outros empreendimentos/entidades em situações similares.

Para orientar o processo de realização da sistematização, propomos algumas perguntas orientadoras que, apresentadas na matriz abaixo, fornecem um guia para que o processo de autoreflexão seja conduzido em cada etapa da sistematização.

Para aprofundar o processo de reflexão após a definição do eixo temático a ser sistematizado questões específicas, vinculadas ao tema priorizado devem ser acrescidas.

É importante ressaltar que as perguntas deverão ser revistas e adaptadas a cada situação devendo ser desdobradas livremente pelos grupos durante o processo de questionamento de suas experiências. Basicamente, essas questões buscam abordar, sobre diferentes perspectivas, como as nossas experiências estão construindo e fortalecendo a economia solidária. Sendo uma forma de possivelmente nortear a sistematização conjunta da Rede CFES a respeito de alguma das temáticas.

Questões Gerais

CONTEXTO INICIAL	PROCESSO VIVENCIADO	CONTEXTO FINAL
Descrição do contexto mais amplo onde grupo estava inserido e das características gerais do grupo e de como este realizava trabalho antes do início da experiência a ser sistematizada.	Descrição dos aspectos gerais e essenciais que caracterizaram a experiência. Considerar os momentos significativos como, por exemplo, o momento de constituição da experiência, momentos de crescimento, de crise, de superação, de mudança e os momentos de tensão, conflitos etc.	Descrição da situação grupo em relação aos problemas e/ou potencialidades que desencadearam a experiência após o término da mesma. Resgatar elementos da avaliação da experiência em relação aos objetivos/ metas que haviam sido definidos.
Qual é a história do grupo (há quanto tempo atua, quais seus objetivos, onde atua)?	Como pode ser caracterizada a experiência realizada pelo grupo?	A experiência atingiu seus objetivos e metas iniciais? Que aspectos podem ser ressaltados?
Qual é o perfil das pessoas envolvidas no trabalho do grupo?	Quais os objetivos/metap definidos pelo grupo para a realização da experiência? Como foram definidos? Quem participou da definição?	A experiência foi desenvolvida conforme planejado inicialmente? Se não, o que levou o grupo a mudar? Em que aspectos foram modificados?
Qual é o perfil das pessoas beneficiadas pelo trabalho do grupo?	Quais as ações desenvolvidas pelo grupo para o desenvolvimento da experiência? Por que se optou por essas atividades?	Quais foram os beneficiados/as com a experiência? (Considerar as dimensões de gênero, gerações e etnias etc., quando for o caso)
Quais são as principais características da área em que o grupo atua?	Que recursos estiveram disponíveis para realizar a experiência (recursos humanos e financeiros, tempo dedicado etc.)?	A experiência contribuiu para a construção do movimento de economia solidária? De que modo? (Considerar as dimensões de gênero, gerações e etnias etc., quando for o caso)
Como o grupo descreve o conjunto de ações por ele realizado?	De que modo o grupo pretendia que a realização da experiência interferisse nas fragilidades e/ou potencialidades identificadas na situação inicial?	As estratégias desenvolvidas durante a experiência foram "aproveitadas" em outras ações do grupo?
Qual é o tipo de experiência a ser sistematizada e o porquê desta ter sido escolhida no conjunto de ações do grupo?	Como a experiência se situava no contexto de atuação do grupo na construção do movimento de economia solidária?	

Quais eram as principais fragilidades (econômicas, técnicas, sociais etc.) ou quais eram as principais potencialidades (novo campo de atuação, acesso a recursos etc.) que levaram o grupo a desenvolver a experiência?	Havia parcerias e relações institucionais (governos, financiadores etc.) para a realização da experiência? Se sim, como estas interferiram na realização da experiência?	
Como era a atuação do grupo em relação à... (completar com aspectos da experiência que desejam aprofundar como, por exemplo, relações de gênero, jovens, grupos étnicos etc.)	Durante a realização da experiência o grupo mudou sua maneira de trabalhar/fazer/organizar as atividades? Se sim, em que aspectos? Quais as "fontes inspiradoras" para a mudança?	
	Ocorreram situações de conflito durante a realização da experiência? Em que circunstâncias? Como foram resolvidos/encaminhados?	
	Havia atividades específicas voltadas para a temática... (completar com aspectos da experiência que desejam aprofundar como, por exemplo, relações de gênero, jovens, grupos étnicos etc.) Quais? Como foram desenvolvidas?	
Elementos de contexto	Elementos de contexto	Elementos de contexto
- Qual era a situação dos mercados, das políticas governamentais, a disponibilidade e a qualidade dos serviços públicos, a estabilidade social e política no momento histórico a ser situado? - Quais os fatores que limitavam as ações da entidade/empreendimento para resolver os problemas e/ou aproveitar as oportunidades?	- Quais fatores do contexto favoreceram e quais dificultaram a realização da experiência? - Quais fatores favoreceram ou dificultaram a participação de ... (identificar pessoas ou grupos definidos de forma prioritária na implementação da experiência como, por exemplo, mulheres, indígenas, quilombolas, jovens etc...?)	- Que fatores podem ter contribuído para aumentar a amplitude dos resultados? - Que fatores podem ter contribuído para restringir a amplitude dos resultados?
REFLEXÃO/ANÁLISE CRÍTICA		
Como a reflexão acerca das informações levantadas nas fases anteriores se relacionam e nos indicam LIÇÕES APRENDIDAS?		
Os porquês das escolhas feitas (conscientes ou não) ao longo da experiência?		
Quais os avanços identificados em relação ao trabalho/objetivo da entidade/empreendimento? Ou seja, o que a entidade/empreendimento faria da mesma forma novamente?		
Quais os aspectos que permanecem para serem aprimorados na experiência desenvolvida? Ou seja, o que a entidade/empreendimento faria de forma diferente se voltasse a desenvolver uma experiência parecida?		

Referências

BRASIL. Resolução nº8, de 04 de julho de 2012. **Diretrizes Políticas para Educação em Economia Solidária**. Conselho Nacional de Economia Solidária. Secretaria Nacional de Economia Solidária. Ministério do Trabalho e Emprego.

CÁRITAS BRASILEIRA. **A Economia Solidária em Construção**: os agentes de desenvolvimento solidário e mobilização social. Uma Sistematização de Experiências do Brasil Local. Brasília: Arte em Movimento, 2012.

_____. **Sistematização de Experiências da Economia Solidária**: Referenciais, etapas e ferramentas para o processo de sistematização. Coletânea Economia Solidária: Uma Proposta de Formação. Brasília, Cooperativa Catarse, agosto, 2012.

DUBEX, Ana et al. **A Construção de Conhecimentos em Economia Solidária**: Sistematizações de Experiências no Chão de Trabalho e da Vida no Nordeste. Recife: F & A Gráfica e Editora Ltda, 2012.

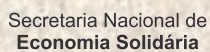
FALKEMBACH, Elza: **A história da formação para a sistematização no SPEP**. Seminário Permanente de Educação Popular, Unijui, Ijuí, 1995.

INSTITUTO MARISTA DE SOLIDARIEDADE. **Sistematização de Experiências em Economia Solidária**. Caderno 2 da série Marista Social. Brasília: 2009.

_____. **Sistematizar Experiências é Outra História**. Centro de Formação em Economia Solidária Região Sudeste e Instituto Marista de Solidariedade. Belo Horizonte, Julho, 2012.

JARA, Oscar: **Para Sistematizar Experiências**. Tradução Maria Viviana V. Rezende. 2ª edição revista. Brasília: MMA, 2006.

_____. **Dilemas y Desafíos de la Sistematización de Experiencias**. Centro de Estudios y Publicaciones-Alforja. Costa Rica. Maio, 2001. Disponível em: www.cepalforja.org/sistematizacion/biblio.html.



Ministério do
Trabalho e Emprego